

O PLURILINGUISMO NO CONTEXTO DA TRÍPLICE FRONTEIRA ENTRE O BRASIL, A COLÔMBIA E O PERU: ASPECTOS ETNOGRÁFICOS DAS LÍNGUAS EM CONTATO EM TABATINGA-AM

MULTILINGUALISM IN THE CONTEXT OF THE TRIPLE BORDER REGION AMONG BRAZIL, COLOMBIA AND PERU: ETHNOGRAPHIC ASPECTS OF THE LANGUAGES IN CONTACTO IN TABATINGA-AM

Dayane Lima Viana ¹
Felício Wessling Margotti ²

Resumo: Neste trabalho trataremos do plurilinguismo existente na cidade de Tabatinga-AM. Por ser interligada à cidade de Letícia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru), apresenta uma conjuntura social marcadamente pluriétnica e multicultural. O alto fluxo de pessoas, os aspectos sociais e a interação cultural/linguística entre os povos da tríplice fronteira possibilitou o surgimento das colônias árabe, colombiana, peruana e da etnia Tikuna, que juntas formam um grande conglomerado multicultural. Embora pareçam polares e seccionadas, findam conformando um todo, cujas características sancionam e reconfiguram as marcas naturais da língua, da cultura e da identidade do povo da fronteira. Interessa-nos aqui, sobretudo, analisar como os fatores sociais colaboram para que o plurilinguismo se consolide e se estabeleça dentro da cidade de Tabatinga. Para analisar esta realidade pluridimensional e multifacetada consideramos indispensável o olhar por meio dos princípios da Sociolinguística em contextos de contatos linguísticos. Pudemos, assim, compreender que o plurilinguismo na cidade de Tabatinga está pautado na condição geográfica, cultural, política e social que a tríplice fronteira apresenta.

Palavras-chave: Plurilinguismo. Fronteira. Língua e Cultura.

Abstract: In this work we will deal with the plurilingualism that exists in Tabatinga-AM. Being interconnected to Leticia (Colombia) and Santa Rosa (Peru), it presents itself with a markedly multiethnic and multicultural social conjuncture. The high flow of people, the social aspects and the cultural/linguistic interaction between the peoples of the triple border region enabled the emergence of the Arab, Colombian, Peruvian and Tikuna colonies that together form a large multicultural conglomerate. Although they seem polar and sectioned, end up conforming to a whole, whose characteristics sanction and reconfigure the natural marks of the language, culture and identity of the border people. We are interested here, above all, to analyze how social factors contribute to the consolidation of multilingualism and establish itself within the city of Tabatinga. To analyze this multidimensional and multifaceted reality we consider it indispensable to look through the principles of sociolinguistics in contexts of linguistic contacts. Thus, we could understand that multilingualism in Tabatinga is based on the geographical, cultural and social condition that the triple border region presents.

Keywords: Multilingualism. Border. Language and Culture.

Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Amazonas (2017). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (2019). Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5113093935676165>.
E-mail: dayanelimaviana@gmail.com

Licenciado em Letras (1975). Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (1982). Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4239067867867265810>.
E-mail: felicio.margotti@ufsc.br

Introdução

A contextualização do estudo

Antes de apresentarmos os impactos e mudanças que emergem do contexto transcultural de Tabatinga/AM, julgamos necessário discutir as implicações terminológicas que circundam o plurilinguismo. Apresentaremos também os vieses teóricos que norteiam as diferentes concepções para que, assim, seja possível compreender como os sujeitos que pertencem às comunidades plurilíngues constroem suas identidades linguísticas e sociais mediante o convívio com diferentes línguas.

Por vezes, o termo plurilinguismo e multilinguismo são evocados indistintamente e, em outras, por questão de filiação teórica, propõe restrita diferenciação. Por esse impasse conceitual, discutiremos agora alguns conceitos que recaem nesta discussão.

De acordo com o Quadro Comum Europeu, o conceito de plurilinguismo está ligado ao ensino de línguas estrangeiras. Nesse contexto, portanto, o multilinguismo está relacionado basicamente à oferta de diferentes línguas na grade curricular das escolas. Dessa forma, o termo plurilinguismo não se refere apenas ao domínio de diversas línguas, mas também à estreita relação entre língua e cultura.

Afirma o Documento:

A competência plurilíngue e pluricultural refere-se à habilidade de usar línguas para propósitos de comunicação e tomar parte em interação intercultural, considerando que uma pessoa é vista como um agente social que tem proficiência, em níveis variados, em diversas línguas e experiência de diversas culturas (CONSELHO DA EUROPA, 2001, p. 168).

Para Savedra e Perez (2017), quando se trata do fenômeno social e individual, a simples escolha dos termos multiculturalismo ou plurilinguismo não resolvem o impasse conceitual. Diante disso, seguindo perspectiva teórica de Wei (2013) e Edwards (2013) – que se filiam à concepção de Mackey (2013), os termos plurilinguismo social e individual são “extensões numéricas daquelas do bilinguismo”, e passam a definir o fenômeno plurilíngue como a coexistência, contato e interação de duas ou mais línguas.

Gutierrez (2005), por sua vez, esclarece que os termos plurilinguismo e pluriculturalismo são palavras chaves que definem a situação sociolinguística em sociedades que apresentam características marcadamente multiculturais.

Pinto (2013) afirma que o termo plurilinguismo “é o conhecimento de um certo número de línguas ou a coexistência de diferentes línguas numa dada sociedade”.

Alinhamo-nos, assim, às definições de Gutierrez (2005) e Pinto (2013) por considerar a ampla dimensão do fenômeno plurilíngue dentro do corpo social, compreendendo, a partir disso, que a fluidez decorrente da pluralidade cultural e linguística imprimem novas determinações às comunidades envolvidas.

Respaldando-se em Canagarajah (2013), García (2009), Cesar & Cavalcanti (2007), Lucena (2015) esclarece que os contextos transnacionais somente podem ser compreendidos se o olhar do lócus de pesquisa for socialmente e localmente situados, isso porque vê “a linguagem como um trabalho coletivo, como um processo dinâmico de negociações, interações e mediações, resultado de tentativas mútuas de fazer sentido” (LUCENA (2015, p. 71).

A autora ainda advoga que o contexto plurilíngue e multimodal joga por terra o mito do monolinguismo, muito reverberado por algumas perspectivas teóricas que ignoram as consequências que emergem de contextos fronteiriços tão idiossincráticos.

Propondo uma discussão mais abrangente, Oliveira (2008) afirma que para entendermos a questão do plurilinguismo no Brasil é necessário trazer dados que demonstrem as proporções que o plurilinguismo alcança. O autor destaca que atualmente no Brasil são faladas aproximadamente 210 línguas. Dessa estimativa, 170 são línguas indígenas e 30 são línguas de descendentes de imigrantes que aqui formaram comunidades. Ele ainda acrescenta duas línguas, a Língua Brasileira de Sinais- Libras e a língua de sinais Urubu-Kaapor. Ao se reportar a esses dados, o autor declara que “somos, portanto, um país de muitas línguas – plurilíngue”

(ano e página).

Rodrigues (1993) defende que no passado o plurilinguismo era bem mais produtivo no Brasil, pois há 500 anos, quando os portugueses aqui aportaram, falavam-se aproximadamente 1.078 línguas indígenas. Isso demonstra que desde a gênese da nossa história éramos naturalmente plurilíngues.

Entretanto, um alto índice de violência contra as populações autóctones dizimou centenas de grupos indígenas e, conseqüentemente, as línguas faladas por eles. Conflitos diversos também foram responsáveis pelo desaparecimento das denominadas línguas gerais, utilizadas por brancos, negros e índios como línguas veiculares. Esse é o caso da língua geral nheengatu. De acordo com Freire (1983, p.65), a chamada revolução Cabanagem, de 1834 a 1841, culminou na morte de mais de 40 mil falantes do nheengatu. Há registros de que essa língua geral ainda é falada em algumas áreas remotas do norte do Brasil. Por exemplo, em São Gabriel da Cachoeira/AM, o nheengatu é uma das línguas co-oficiais do município, juntamente com as línguas tukano e baniwa.

A violência não ficou restrita às línguas indígenas, uma vez que os intentos estenderam-se também às línguas dos imigrantes no período do chamado Estado Novo. Essa estratégia de governo estipulou uma espécie de “repressão linguística” na região sul do Brasil, mais especificamente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que ficou conhecido como “crime idiomático”.

Com medidas de repressão, o Estado Novo passou a proibir qualquer veiculação de línguas estrangeiras dentro do território nacional por serem consideradas como um atentado contra a soberania do país. Diante disso, alemães e italianos, entre outros descendentes de imigrantes, foram impedidos de utilizar suas línguas.

Durante o Estado Novo, mas sobretudo entre 1941 e 1945, o governo ocupou as escolas comunitárias e as desapropriou, fechou gráficas de jornais em alemão e italiano, perseguiu, prendeu e torturou pessoas simplesmente por falarem suas línguas maternas em público ou mesmo privadamente, dentro de suas casas. Instaurou-se uma atmosfera de terror e vergonha que inviabilizou em grande parte a reprodução dessas línguas (OLIVEIRA, 2008, p. 6).

Atentando para esse dado histórico, é possível perceber o grande retrocesso que tivemos com a consideração de que o plurilinguismo é “um germe” a ser combatido. Esse pensamento permitiu que muitas línguas fossem dizimadas por intervenções linguísticas sem nenhum critério que as justificassem, e, como consequência, para que prevalecesse a “soberania idiomática”, essas línguas minoritárias perderam totalmente seu espaço, forçando seus falantes a “usá-las apenas oralmente e cada vez mais na zona rural, em âmbitos comunicacionais cada vez mais restritos” OLIVEIRA (2008, p. 6).

A respeito da política do silenciamento, Calvet (1999, p. 2), apresenta-nos uma explicação da possível causa da política monolíngue, que, para ele, é apenas uma metáfora, uma vez que “as línguas não fazem guerra entre si, são os homens que a fazem”.

Na concepção desse autor, em toda parte do mundo ocorrem rivalidades entre línguas, sobretudo, com as línguas veiculares, entretanto isto ocorre de forma deliberada, pois há a consciência de que a língua pode ser uma importante ferramenta de dominação.

Para ilustrar as diferenças funcionais das línguas em comunidades plurilíngues, Ferguson (1964, apud Mello, 2011) propôs o modelo diglótico, que ilustra as línguas têm funções determinadas, e assim são acionadas a depender dos fatores contextuais.

A partir disso, entendemos que mesmo rodeado de diferentes línguas, o falante plurilíngue opera ativamente na escolha de qual língua utilizar, e de acordo com o modelo diglótico, essa escolha é pautada por critérios próprios ou coletivo.

Outro fato apontado por Calvet (1999) estabelece que o monolingüismo e plurilingüismo não são determinantes fixos, isto é, um indivíduo pode viver em uma sociedade plurilíngue, mas ser monolíngue, bem como, outro pode ter competência em várias línguas, todavia, viver em uma comunidade monolíngue. Mediante essas declarações, somos conduzidos ao seguinte

questionamento: Como, pois, estudar os dois polos linguísticos?

De fato, não é uma tarefa fácil, principalmente em virtude das próprias indeterminações descritas por Calvet, isto é, comunidade plurilíngue e monolíngue não definem as habilidades linguísticas de (todos) os seus falantes. Por esse impasse, advogamos aqui a necessidade de um olhar pluridimensional para que se contemple que não apenas as macro dimensões que o fenômeno alcança, sobretudo, que revele as especificidades dos falantes e da comunidade que se estuda.

Somos assim conduzidos a duas possibilidades de estudo do plurilinguismo. A primeira é de perspectiva individual, isto é, o foco é no indivíduo que domina várias línguas, ou está inserido dentro de uma comunidade onde coexistem mais de uma língua, ou, ainda, porque é filho de pais de nacionalidade diferentes e que por isso domina línguas diferentes.

A segunda perspectiva propaga-se no corpo social. Essa vertente focaliza seu estudo em analisar como os fatores sociais, históricos e geográficos imergem seus falantes em contextos predominantemente plurilíngues.

À guisa da discussão aqui apresentada, em contextos plurilíngues cada código linguístico tem sua função definida e bem determinada, cujas tensões e conflitos linguísticos não ofuscam a diversidade cultural própria de cada povo, haja vista que a própria história nos mostra que “não **fomos** apenas um país multicultural e plurilíngue: **somos** um país pluricultural e multilíngue, (...) o que obscurece o preconceito: o de que o português é uma língua sem dialetos. OLIVEIRA (2008, p. 8).

Plurilinguismo: a etnografia linguística de Tabatinga

Com diferentes realidades culturais, a cidade de Tabatinga apresenta-se com a incontestável característica pluriétnica. Isso a torna dinâmica e fluida ao ponto de que a diversidade cultural e linguística sejam um imperativo natural.

Com uma extensão de aproximadamente 3.225 km², a pequena cidade de Tabatinga é circunscrita por diferentes povos que convivem lado a lado: brasileiros, colombianos, peruanos, árabes e indígenas. Desse modo, língua e cultura distintas conferem à cidade uma realidade intrinsecamente diversificada.

É importante aqui destacar que ao reconhecermos a cidade de Tabatinga dentro desse conglomerado multicultural, onde coexistem diferentes culturas lado a lado, somos conduzidos no mesmo movimento a considerar os impactos que também se produzem nas línguas.

A colônia peruana

Localizada na parte Oeste de Tabatinga, mais especificamente na bifurcação das ruas Marechal Rondon e Pedro Teixeira, a colônia peruana está concentra o maior número de imigrantes peruanos em solo tabatinguense.

O surgimento dessa colônia se deu pelo movimentado setor de comércio que peruanos passaram a desempenhar há tempos na região. Um dos fatores que contribuiu para o fortalecimento e consolidação de comerciantes peruanos foi a distância que Tabatinga está em relação à capital Manaus, que inviabiliza a chegada de produtos, uma vez que as balsas transportadoras procedentes da capital do estado podem passar até de vinte dias para chegar a Tabatinga.

Tal fato ocasiona o alto custo dos produtos brasileiros, em concorrência com os produtos peruanos, que possuem preços mais acessíveis e levam apenas 15 minutos para serem transportados da cidade peruana chamada Ilha de Santa Rosa, que está situada à frente da cidade de Tabatinga.

Foi justamente por perceber a dificuldade na logística de mercadorias brasileiras que fez com que os primeiros peruanos se instalassem no que mais tarde viria a se transformar no centro comercial de Tabatinga. O fluxo migratório e o aquecido setor do comércio movimentam a economia de Tabatinga. Como nos aponta Suarez (2015), os povos que compõem a tríplice fronteira operam entre si em regime de cooperação mútua, o que também contribuiu para que atualmente a cidade brasileira conte com um grande contingente de residentes peruanos em seu território.

A colônia colombiana

A grande concentração de imigrantes colombianos está localizada na parte norte, mais especificamente no bairro chamado Santa Rosa. O surgimento da colônia se deu devido à política de abertura, associada à pouca fiscalização no município, fato que impulsionou a formação da colônia colombiana em terras brasileiras.

Do lado oposto da fronteira, não ocorre o mesmo, pois não é comum encontrar tabatingueses residindo na cidade colombiana. Isso por causa das rígidas políticas internas que o país adota, destinando uma corporação específica chamada *Patrulla de inmigración*, que trabalha ativamente na fiscalização e no controle de residentes ilegais na cidade de Letícia.

Ao entrar na colônia colombiana, em Tabatinga, é possível perceber imediatamente que o espanhol é fortemente utilizado dentro e fora do bairro, nas agências bancárias, supermercados, nos bares, nas feiras etc.

Outro fato que contribui para a manutenção do espanhol é a disposição geográfica diferenciada que permite total interação de brasileiros com moradores do bairro colombiano Porvenir. A pouca distância entre casas dos dois territórios ressalta a fluidez multicultural existente nessas áreas, permitindo que falantes de ambos os lados da fronteira partilhem sua cultura até de modo não deliberativo, pois apenas uma linha imaginária demarca o limite de cada bairro. É justamente devido à proximidade entre as casas de brasileiros e colombianos que a dinâmica das comunidades, como ouvir as músicas, as festas, as discussões e o modo de viver, pode influenciar diretamente a cultura e a língua do outro.

Um fato ocorrido em 2008 aumentou exponencialmente o número de colombianos em solo brasileiro. Tudo começou porque até 2007 havia uma área não ocupada que demarcava os limites fronteiriços entre Brasil e Colômbia. Em 2008, houve uma ocupação de terras brasileiras e, embora 80% dos ocupantes fossem imigrantes colombianos ou pessoas oriundas de casamentos interétnicos (brasileiros-colombianos-peruanos), a área foi requerida como jurisdição brasileira e nomeada como bairro Vila Brasil.

Dessa forma, juntos, os bairros Santa Rosa e bairro Vila Brasil, formam a colônia com maior agrupamento de colombianos em solo brasileiro, revelando claramente que as determinações sociais e geográficas contribuíram para a realidade multiétnica e diversificada da cidade de Tabatinga-AM.

Colônia Árabe

Embora se possa ouvir o português, o espanhol colombiano, o espanhol peruano, o árabe e a língua tikuna, as situações discursivas e os domínios linguísticos em Tabatinga são muito bem demarcados.

Apesar dos poucos falantes, se comparado o quantitativo de imigrantes das demais colônias, a comunidade árabe merece igual destaque, visto que, juntamente com as demais línguas e culturas, confere à tríplice fronteira uma característica inegavelmente cosmopolita.

Como toda imigração em massa advém de problemas sociais, a chegada dos imigrantes árabes no Brasil não destoia essa realidade. A saída forçosa ocorreu por acordo entre Israel e Estados Unidos, que exercendo seu poder de influência, concedeu a Israel o direito de posse do território Palestino. Foi nesse cenário que muitos árabes imigraram para o Brasil.

Os primeiros imigrantes árabes chegaram à cidade de Tabatinga em 1968. Em sua maioria eram comerciantes do setor de calçados e, no decorrer dos anos, os árabes e seus descendentes casaram-se com brasileiras nativas da cidade. Com o passar do tempo, como resultado dos casamentos inter-raciais, a segunda geração passou a ter competência nas duas línguas, isto é, em português em árabe.

Como é sabido, na religião muçulmana é perfeitamente aceitável que homens árabes se casem com mulheres estrangeiras. Diferentemente, as mulheres são proibidas de se casar com homens que não sejam muçulmanos. A explicação seria porque, de acordo com os princípios da religião muçulmana, se um homem palestino se casar com uma mulher estrangeira, os filhos desse casamento serão por direito do homem, que terá todo o domínio de conduzir sua vida de acordo com as tradições da religião muçulmana. Todavia, se uma mulher palestina

se casar com um estrangeiro, sob a perspectiva muçulmana todos os filhos serão do homem estrangeiro, e a mulher não terá quase nenhuma influência para que estes sigam seus dogmas, e isso violaria a propagação da religião e da tradição muçumana.

Por isso, é comum que os filhos (homens) da segunda geração que residem em Tabatinga deem continuidade aos casamentos interétnicos, enquanto as mulheres, mesmo nascidas na cidade de Tabatinga, retornem à Palestina para se casar com palestinos, em obediência a sua cultura.

Colônia indígena: etnia Tikuna

De acordo com Salzano et al. (1979), os Tikunas são provavelmente o maior grupo de descendentes de uma tribo indígena que ainda vivem no Brasil. Na região do Alto Solimões, de acordo com o SIT (Sistema de Informação Territorial), a tribo Tikuna está dividida em 120 comunidades indígenas e, em Tabatinga, divide-se em Umariáçu I e Umariáçu II, com dado populacional de 7.396 indivíduos de acordo com o sistema de atenção à saúde indígena – SIASI (2015), Carvalho (2017).

Dados documentais indicam que no início do século XVII os tikunas se restringiam apenas à região de Putumayo (fronteira entre a Colômbia e Peru).

Entre 1708 e 1709, a coroa portuguesa, movida pelo anseio de expansão, começou a consolidar sua soberania na área dos índios Omáguas, enviando, para tanto, uma grande expedição ao Alto Solimões com o propósito de combatê-los até sua total destruição. De fato, quase foram dizimados. De acordo com historiadores, nunca se viu tanto derramamento de sangue na região, e os poucos que sobreviveram foram obrigados a fugir para outros lugares.

Foi a partir de então, que os tikunas passaram a ocupar o terreno de seus inimigos onde atualmente vivem, no Umariáçu I e II, e nas demais regiões adjacentes (OLIVEIRA, 1964); (SALZANO et al., 1979).

Um dado interessante a respeito da localização da aldeia tikuna é sua disposição geográfica, visto que a área indígena se confunde com os limites da Comara (bairro da cidade) e, se não fosse por legislação específica, a aldeia poderia ser considerada como extensão da cidade de Tabatinga.

Desse modo, a fácil acessibilidade à aldeia indígena faz com que seja possível observar a dinâmica da etnia tikuna.

[...]quando adentramos na comunidade para comprar produtos agrícolas ou até mesmo quando estamos de passeio de motocicleta pelas ruas da comunidade já que o trânsito é livre e podemos observar mesmo que informalmente, o dia a dia da comunidade (CARVALHO, 2017, p. 52).

Quanto ao aspecto linguístico, a autora advoga que pelo cenário multicultural em que a comunidade está envolvida há o desafio de garantir a preservação da língua e a identidade do povo indígena.

Ela ainda revela que o uso da língua tikuna vem sendo utilizada de modo predominante, e declara que, em rápida análise, é possível perceber as crianças e os adultos brincando e falando na língua nativa: “famílias reunidas na varanda de suas casas interagindo em tikuna” (CARVALHO, 2017, p. 53). E até mesmo quando estão em Tabatinga comunicam-se com os membros de sua tribo em Tikuna, o que mostra claramente a forte presença da língua indígena na cidade de Tabatinga.

Por vezes, só utilizam a língua portuguesa quando se reportam ao branco, em transações comerciais, nas compras no supermercado, em bancos e outros domínios.

Desse modo, o visitante que chega à cidade pode observar a coexistência de diversas culturas, e experienciar audivelmente as diferentes línguas faladas na cidade de Tabatinga. Ao mesmo passo, poderá ouvir o português, o espanhol (colombiano e peruano), o árabe e a língua indígena dos tikunas.

A comunidade plurilíngue e a identidade social de seus falantes

Ao discutir os impactos do plurilinguismo, Calvet (1999) apresenta-nos um exemplo tipológico para ilustrar a extensão que o fenômeno alcança dentro do processo identitário. Ele exemplifica que um senegalês falante da língua *peul* que também fale o *wolof*, mas que em seu trabalho utilize o francês, a sua identidade linguística dependerá do ponto de vista que se empregue, podendo ocorrer três casos:

- (i) pertencer apenas à comunidade de fala *peul*;
- (ii) pertencer às três comunidades linguísticas;
- (iii) ou melhor, pertencer a uma comunidade que possui características plurilíngues.

Para reforçar a importância dessa discussão, o autor declara que o debate não é somente de interesse acadêmico, já que é uma realidade vivenciada por milhões de pessoas ao redor do mundo. De imediato, ele tece o seguinte questionamento: – Será que podemos atribuir a existência de várias identidades para uma única pessoa?

Um angolano que fala tanto o português quanto a língua bantu possui uma identidade lusófona e bantu ao mesmo tempo?

Calvet advoga que estes mesmos questionamentos se aplicam às diferentes realidades linguísticas, já que os exemplos são tipologias que podem ser aplicadas a várias partes do mundo. Gostaríamos de propor aqui os mesmos questionamentos à comunidade linguística de Tabatinga, uma vez que a diversidade de línguas existentes na região expõe seus falantes a um cenário indubitavelmente plurilíngue. Isso permiti-nos indagar: – Será que filhos de brasileiros com colombianos peruanos, árabes e indígenas possuem mais de uma identidade linguística?

O morador de Tabatinga, que porventura trabalha na cidade colombiana de Letícia e que, no exercício de sua profissão utiliza o espanhol, pode ser considerado pertencente às duas comunidades linguísticas?

Para essas e outras questões, Calvet (1999) defende que sim, pois considera que é possível um falante que oscila em diferentes códigos linguísticos ter mais de uma identidade linguística. E para demonstrar sua concepção, retoma o exemplo do senegalês e esclarece que em situações plurilíngues o que acontece é a alternância de identidade. Assim, a escolha de determinada língua está vinculada a fatores identitários que estão além da instrumentalização comunicativa, pois:

¹cuando un wolof habla en francés en una oficina a otro wolof, en cierto modo, opta por una puesta en escena, se atribuye un papel, quiere ser percibido de un modo determinado [...]. Porque la lengua desempeña una función identitaria (Calvet, 1999, p.3).

Para ele, a língua revela o que temos de peculiar, ela é como um documento de identidade, pois revela nossos traços culturais, sociais e étnicos mais íntimos.

Dessa forma, é natural que o falante inserido em uma comunidade que vincula mais de uma língua alterne sua identidade linguística. Isso ocorre porque o falante molda seu repertório verbal de acordo com o contexto e, principalmente se interagir com um interlocutor de identidade linguística diferente:

²Así un maliense de lengua songay se sentirá songay en su país, frente a un bambara o un peul y, por tanto, su lengua tendrá una fuerte función identitaria, la hablará, en familia o con sus amigos, para marcar su pertenencia a un grupo. Se sentirá maliense en otro país africano o ante otro africano súbdito de otro país y su forma de subrayarlo lingüísticamente

1 Quando um Wolof fala em francês a outro wolof no escritório, a certo modo, ele opta por uma encenação, e atribui a si um papel, quer ser percebido de um modo determinado [...]. Porque a língua desempenha uma função identitária.

2 Assim, um maliense que fala a língua songay, se sentirá songay em seu país, em interações com um bambara ou um Peul, assim, sua língua terá uma forte função identitária, a falará em família ou com seus amigos para marcar seu pertencimento a um grupo. Ele se sentirá maliense em outro país africano ou frente a outro africano de outro país e a forma dele demarcar linguisticamente será falar bambara, a língua veicular dominante [...].

será hablar bambara, la lengua vehicular dominante [...]. (CALVET, 1999 p. 4).

Em suma, sociedades plurilíngues proporcionam variadas identidades linguísticas a seus integrantes. Por isso, Calvet (1999) chama a atenção para as políticas linguísticas adotadas em realidades plurilíngues, isto é, como as comunidades envolvidas se organizam no convívio direto com diferentes línguas em seu território.

Ele então nos apresenta o plurilinguismo *in vitro* e plurilinguismo *in vivo*. No primeiro caso, *in vitro*, a gestão das línguas são fomentadas por ações governamentais; no segundo caso, *in vivo*, os responsáveis pela utilização das línguas são os falantes que, por critérios próprios, decidem onde, quando e qual código linguístico vão utilizar. Assim, as línguas são transformadas em “gregárias” de uso cotidiano.

Devemos então considerar simultaneamente os fatores internos e externos, vertical e horizontal, e estar atentos às correlações de práticas sociais em que se envolvem os grandes grupos, a solidariedade, o respeito e também a cooperação mútua entre os países envolvidos.

Essa visão permite-nos perceber que “dentro destes grandes conjuntos, existem outras identidades, outras diversidades, outros plurilinguismos” (CALVET, 1999, p.6) permite também um olhar diferenciado para cada grupo e, por fim, auxilia na defesa da diversidade de línguas com intuito de preservar a identidade linguística dos que ali estão envolvidos.

Implicações sociais e linguísticas do plurilinguismo

No tocante à conjuntura social que a cidade de Tabatinga apresenta, podemos compreender que a diversidade multiétnica impõe novas configurações, não apenas à cultura local, mas também aos aspectos linguísticos.

Como em muitas áreas de fronteira, os casamentos constituídos por pessoas de nacionalidades diferentes são perfeitamente comum. Uma realidade também aplicada a cidade de Tabatinga, pois casamentos entre brasileiros, colombianos, peruanos e tikunas, caracterizam a composição familiar de muitos lares tabatinguense. Esta realidade, contribui para o entendimento de que os casamentos interétnicos, dão realce multicultural às comunidades de fronteira.

Outro fator que imprime marcas à cidade de Tabatinga é a política educacional adotada no espaço de fronteira, já que, ambos países possuem grande abertura para admissão de alunos do lado oposto da fronteira.

Não se pode deixar de mencionar, a política educacional adotada nas escolas de Tabatinga, que é baseada na lei 11.161/2005, lei que tornou obrigatório o ensino da língua espanhola nas escolas brasileiras em região de fronteira com países hispânicos. Foi a partir de então, que as escolas da rede municipal e estadual de Tabatinga passaram a adotar o ensino de Língua Espanhola em seu componente curricular. Esse cenário favorece diretamente para o convívio de línguas e culturas diversas, já que é comum observar em uma mesma sala de aula brasileiros, colombianos, peruanos e tikunas. Isso indiscutivelmente contribui para interações através das redes comunicativas multiétnicas.

As atividades laborais também sancionam características peculiares à tríplice fronteira, uma vez que é perfeitamente comum pessoas de várias nacionalidades trabalharem em um mesmo ambiente laboral, o que nos conduz à constatação de em tais circunstâncias o domínio linguístico é inegavelmente heterogêneo.

Por ser naturalmente multiétnica, a região da tríplice fronteira amazônica realiza festividades como o *Festival de la Confraternidad Amazónica*, também chamada de *Festa da União dos Povos*, que é realizado na cidade de Letícia-Colômbia. Essa festa busca a integração cultural, esportiva e econômica entre os países que compõem a tríplice fronteira (Brasil, Colômbia e Peru). A ocasião também enaltece a união dos povos indígenas oriundos de cada país.

El Festival Pirarucu de Oro é outra festa tradicional que é realizada todos os anos na Concha Acústica do parque Orellana em Letícia-Colômbia, a festa celebra *la irmandad* e a integração dos países que compõem o trapézio amazônico.

Após este breve apanhado social de Tabatinga, seguiremos agora em direção às implica-

ções linguísticas que o fenômeno suscita a essas comunidades.

De acordo com Vandresen (2009), quando se tem à disposição vários códigos linguísticos, o falante baseia sua escolha em três critérios: (i) na função da língua; (ii) na atitude linguística do falante; (iii) nas políticas linguísticas que foram implantadas nas instituições de ensino.

Como foi possível observar no espaço em estudo, as relações comunicativas são desencadeadas por diversos fatores externos à língua, de caráter social, comercial e cultural. É nesta perspectiva sociológica que os termos linguagem e sociedade são intrinsecamente evocados por Benveniste (1963) “que é dentro da e pela língua que indivíduos e sociedade se determinam mutuamente”.

A determinação mútua proposta por Benveniste (1963) pode ser aplicada à cidade de Tabatinga uma vez que a realidade das fronteiras físicas não limita as linguísticas, pelo contrário, estão sempre abertas às novas configurações.

Padovani e Sanches (2016) esclarecem que, quando se trata de aberturas linguísticas dentro do corpo social, é necessário considerar os múltiplos aspectos que as determinam, visto que as variantes não estão “exclusivamente” associadas a um grupo ou outro, pois quando falantes de diferentes comunidades interagem, ambos os grupos podem usar as variantes que lhes são próprias e, no mesmo instante, utilizar as variantes do grupo com o qual faz contato.

Alkmim (2012) esclarece que tudo isso não ocorre no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pelas estruturas sociopolíticas de cada comunidade de forma “lenta e gradual”. Nesse sentido, as línguas não são transformadas de modo direto e abrupto, substituindo um elemento pelo outro rapidamente, pois tudo se inicia com uma envolvente concorrência, o que leva o falante a operar com regras variáveis dentro de um padrão sistemático.

Ao conceber esse fato, consideramos o próprio falante como agente modificador de sua língua. Assim somos direcionados ao entendimento de que as cidades que vivem a dinâmica de fronteira são receptíveis às transformações. É em virtude disso que o espaço de fronteira tem sido um tema amplamente estudado nos últimos anos, pois os fenômenos que surgem dos contextos culturalmente peculiares e idiossincrático têm sido tema de estudo de muitas pesquisas, para compreender como se desenvolve tal fenômeno.

Considerações Finais

Em virtude das discussões aqui apresentadas, pudemos perceber que a realidade socio-cultural de Tabatinga confere um acentuado dinamismo de relações além de suas fronteiras, transformando o norte brasileiro em uma sociedade singular e pluriétnica.

Dessa forma, pudemos compreender que o plurilinguismo presente na cidade de Tabatinga está pautado pela condição geográfica, cultural, política e social que a tríplice fronteira apresenta.

Os casamentos inter-raciais, as políticas adotadas na educação, o comércio e o exercício de atividade laboral entre povos distintos colaboram para que a situação sociolinguística de Tabatinga seja marcadamente heterogênea e diversificada.

Isso nos leva a compreender que as relações sociais e discursivas oriundas desse espaço não são neutras, pois as consequências desse conglomerado cultural implicam diretamente a mudança dos costumes, o gosto musical, a gastronomia, a cultura e também as línguas, tudo em um intenso jogo paradoxal.

Observamos também que as divergências se confrontam e convergências se unem, tornando o espaço da fronteira norte brasileira num *lócus* permeável e receptivo às mudanças sociais e linguísticas.

Resta-nos afirmar que sobre a realidade linguística desta região paradoxal há poucos pesquisas publicadas, o que revela um campo fértil para pesquisas de diferentes perspectivas. Qualquer que seja o enfoque traçado revelará as nuances advindas do fenômeno de contato entre as diferentes línguas faladas em Tabatinga e cidades fronteiriças do Peru e da Colômbia.

Com esta realidade, Tabatinga constitui-se num vasto campo de estudo e, seja qual for a perspectiva escolhida, as pesquisas revelarão as consequências que o plurilinguismo imprime a esta comunidade tão *sui generis*.

Agradecimento

A presente pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - (CAPES) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - (FAPEAM) sob o processo de número: 88887.468662/2019-00.

Referências

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística – parte I. In: **Introdução à linguística: domínios e fronteira**. Organização, Fernanda Mussalim; Ana Crhistina Bentes. São Paulo: Cortez, 2012, v.1 p. 23-50.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Editora Nacional-EDUSP, 1976 [1963].

CALVET, Louis-Jean. **Identidad y plurilingüismo**. París, Plon, 1999. Disponível em: http://www.campus-oei.org/tres_espacios/icoloquio9.htm. Acesso em 12/08/2019.

CANAGARAJAH, Suresh. **Traslingual practice - global Englishes and cosmopolitan relations**. New York: Routledge, 2006.

CARVALHO, Ana Letícia Ferreira de. Atitude linguística de universitários Tikuna: uma análise da situação do contato português/Tikuna. In: **Anais do VIII SAPIL-Estudo de linguagem UFF**, n. 1., 2017. Disponível em: www.anaisdosappil.uff.br. Acesso em: 14 de jun, 2019.

CESAR, America; CAVALCANTI, Marilda. Do singular ao multifacetado: O conceito da língua como caleidoscópio. In: **Transculturalidade, linguagem e educação**. Organização Marilda Calvalcante,; S. M. Bortoni Ricardo. Campinas: Mercado das Letras. 2007 p. 45-66

EDWARDS, John. Bilingualism and multilingualism: some central concepts. In: **The handbook of bilingualism and multilingualism**. Tej K. Bhatia ; William C. Ritchie. Wiley-Blackwell: Oxford, 2013. p. 5-25.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Da 'fala boa' ao português na Amazônia brasileira**. AMERINDIA: Revue d'Ethnolinguistique Amérindienne. Paris, 1983. v.8: 39-83.

GARCIA, Ofelia. Bilingual Education in the 21 st Century: A global perspective. **Maden**, M A and Oxford: Basil, Blackwell, 2009.

GUTIERREZ, M. L. Language, langue y plurilingüismo. **Universidade del país Vasco**. 49-59, 2005. Disponível em: https://acceda.ulpgc.es:8443/xmlui/.../0235347_01993_0004.pdf. Acesso em: 12 jul. 2019.

LUCENA, Maria Inêz P. Práticas de linguagem na realidade da sala de aula: contribuições da pesquisa de cunho etnográfico em Linguística Aplicada. **Delta** n.31 Especial 2015. p. 67-95.

MACKAY, William F. Bilingualism and multilingualism in North America. In: **The handbook of bilingualism and multilingualism**. Bhatia. Tej K.; William C. R. Oxford: WileyBlackwell, 2013. p. 707-724.

MELLO, Heloísa Augusta Brito de. Atitudes linguísticas em uma comunidade Bilíngue do sudoeste goiano. In. **Línguas em Contato: Cenários de bilingüismo no Brasil**. Organização Sidney de Souza Silva. - Campinas: Ed: Pontes, 2011. p. 141-177.

OLIVEIRA, Gilvan M. Plurilingüismo no Brasil. **IPOL**. 1-11, 2008. Brasília. Disponível em: www.lacult.unesco.org/docc/Plurilingüismo_no_Brasil.pdf. Acesso em: 12 jul. 2018.

PADOVANI, Bruna F. S. Lima de. SANCHES, Romário, D. Interface da sociolinguística e a dialetologia. **Revista web socioleto** – UPESDOL-LALIMU, V.6. n: 18, 542-567, 2016: ISSN 2178-1486. Disponível em: www.sociodialeto.com.br/edicoes/24/28092016110318, Acesso em: 13 Set. 2020.

PINTO, Maria das Graças L. O plurilinguismo: um trunfo. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 48, , 2013. Disponível em: Revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/12584/9917.pdf. Acesso em: 08 agos. 2019.

RODRIGUES, A. D.'I. **Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas**. Ciência Hoje, v. 16, n. 95, nov. 1993.

SALZANO, Francisco, M; Jaques, S. M. C; Neel, Janes. V. Demografia genética dos índios Ticunas da Amazônia. **Acta Amazônica**. 9 (3). 1979, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aa/v9n3/1809-4392-aa-9-3-0517.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2020.

SAVEDRA, Monica M. G; PEREZ Gabriel M. H. Plurilinguismo: práticas linguísticas de imigrantes brasileiros no Suriname. **Organon: Revista do Instituto de Letras**. v. 32, n. 62. 2017. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br./organon/article/view/70594/42123>. Pdf. Acesso em: 28 jan. 2021.

SECRETARIA DE SAÚDE INDÍGENA. Regional alto Solimões. **Sistema de Atenção à Saúde ao Indígena-SIASI**, 2015.

SUAREZ. Á. G. **“Tabatinga (Br) e Letícia Col): Duas cidades Gêmeas**, 2015. Disponível em: <http://www.aebr.eu/files/publications/>. Acesso em 09/11/2020.

TRIM, John L. et al. **Quadro europeu comum de referência para as línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação**. Porto: Asa, 2001.

WEI, Li. **Conceptual and methodological issues in Bilingualism and Multilingualism Research**. In: The handbook of bilingualism and multilingualism. Tej K. Bhatia; RITCHIE, William C. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 26-51

VANDRESEN, Paulino. (Org.). **Variação, mudança e contato linguístico no Português da Região Sul**. – Pelotas: Ed: EDUCAT, 2009. p. 281-302.

Recebido em 15 de setembro de 2021.

Aceito em 08 de novembro de 2021.